



A representação feminina da personagem dos quadrinhos Mulher-Maravilha

Female Representation of the comic books character Wonder Woman

Luciano Dias de Souza*
Mileane Andrade Azevedo**

Resumo: Se observarmos o arquétipo tradicional de herói através das histórias, nos depararemos quase sempre com a figura masculina em destaque. Mesmo que tenha havido heroínas, a figura feminina esteve relacionada à figura fragilizada e que precisava ser protegida. Em meados do século XX, quando o mundo vivenciava a sangrenta Segunda Guerra Mundial (1939-1945), é criada uma das heroínas fictícias mais famosas do mundo dos quadrinhos: a Mulher-Maravilha. O presente trabalho tem por objetivo analisar a construção e posterior transformação desta personagem, relacionando-a com as transformações sociais e culturais pelas quais as mulheres passaram no decorrer das décadas seguintes. A questão que norteia o trabalho é discutir se a personagem pode ser considerada um ícone Feminista ou acaba por reafirmar estereótipos em relação ao papel da mulher na sociedade, presa às normas criadas pelo patriarcado machista.

Palavras-chave: Quadrinhos. Feminismo. Representação feminina.

Abstract: If we look at the traditional hero archetype through the stories we will almost always come across the prominent male figure. Even though there were heroines, the female figure was related to the fragile figure that needed to be protected. In the middle of the twentieth century, when the world was experiencing the bloody World War II (1939-1945), one of the most famous fictional heroines in the world of comics was created: Wonder Woman. This paper aims to analyze the construction and subsequent transformation of this character, relating it to the social and cultural transformations that women went through over the following decades. The question that guides the work is to discuss if the character can be considered a Feminist icon or end up reaffirming stereotypes regarding the role of women in the society trapped by the norms created by the *machista* (sexist) patriarchy.

Keywords: Comics. Feminism. Female representation.

* Mestre em Cognição e Linguagem, Docente na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). E-mail: poesiaeci@gmail.com

** Especialista em Ciências das Religiões. E-mail: poesiaeci@gmail.com

Considerações iniciais

As histórias em quadrinhos constroem um mundo fictício e ao mesmo tempo, consegue estabelecer ligações com a realidade, refletindo construções sociais, valores e normas de conduta, funcionando como extensão do “eu” daquele que o produz. Desta forma, as histórias reproduzem mensagens, ideologias de uma época fazendo parte da indústria cultural. Sobre o conceito de indústria cultural, destacamos em consonância a seguinte afirmação:

De acordo com Adorno e Horkheimer, na indústria cultural, tudo se transforma em negócio, pois seus fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais. Para eles, a indústria cultural só se importa com as pessoas enquanto empregados ou consumidores, não apenas adaptando os seus produtos ao consumo, mas ditando o próprio consumo das massas. Portadora não só de todas características do mundo industrial moderno, mas também da ideologia dominante, seria a verdadeira origem da lógica do sistema capitalista¹.

Assim como no cinema, na televisão, na música, e hoje de forma muito abrangente a internet, os quadrinhos cumprem essa função de transmitir ideias; o estereótipo dos personagens presente nos quadrinhos também é um elemento importante para construções sociais. A criação de uma heroína como protagonista em plena década de 1940 foi um marco histórico para os quadrinhos, pois somente homens eram os heróis, o que inspirou muitas leitoras no mundo todo. Uma personagem que conseguiu escapar dessa figura que fica escondida por trás do poder masculino.

A indústria cultural, como um modo de fazer cultura, ligado a produção industrial de massa, é até hoje um elemento importante para que essas construções sociais sejam difundidas em larga escala. Ao longo dos anos os padrões de masculinidade e feminilidade sofreram transformação, mas seu princípio permaneceu: homens dominantes x mulher objetos de dominação. Esse estereótipo é bastante presente na construção de personagens como James Bond, um homem caucasiano, dominador, forte, violento, inteligente e que possui várias mulheres, isso é visível em pôsteres de seus filmes, como os da década de 1960, onde a presença de mulheres serve apenas como plano de fundo para o grande exemplo da fantasia de poder masculina, o agente secreto britânico².

O protagonismo feminino nos quadrinhos mudou ao longo do tempo, principalmente para acompanhar as novas necessidades e responder questionamentos de seu tempo. Tendo em vista essa premissa, o Feminismo deu alicerce para a criação e adequação de super-heroínas no mundo dos quadrinhos, dentre elas destacam-se a Mulher-Maravilha.

¹ BROCH, Caroline; GARCIA, Valdinei Gomes. O conceito de indústria cultural no contexto das novas tecnologias. *Rev. Unifamma*, Maringá, v. 12, n. 1, ago. 2013, p. 17. Disponível em: <<http://revista.famma.br/unifamma/index.php/RevUNIFAMMA/article/view/24/37>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

² MIRANDA, Beatriz; OLIVEIRA, Otoniel Lopes de. *Protagonismo feminino nos quadrinhos: representação, feminismo e super-heróis*. 2017, p. 03. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_h_cultura/beatriz_miranda_e_otoniell_lopes.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

No intuito de atingir objetivos do estudo, norteamos por esse caminho: entender a importância do Feminismo para a sociedade; revelar a importância das HQs para a sociedade e identificar a influência que uma personagem pode ter sobre diversos outros grupos sociais, tomando a Mulher-Maravilha como ícone da luta feminista.

A Mulher-Maravilha vai além das teorias e se concretiza no mundo real, uma vez que serve como ícone e símbolo para crianças e a um público muito maior de leitores. Por conseguinte, a pergunta norteadora desta pesquisa foi: A Mulher-Maravilha contribui positivamente para a causa feminista?

A Mulher-Maravilha e sua trajetória como heroína

A Mulher-Maravilha tem uma trajetória de críticas e admiração, é inegável o sucesso que os quadrinhos da amazona sustentam ao longo de tantas décadas. Nascida no início da Era de Ouro dos Quadrinhos, a Mulher-Maravilha é considerada por muitos a primeira super-heroína dos quadrinhos a atingir grande público.

A criação de uma heroína com status de protagonista em plena década de 1940 por si só é um marco histórico para os quadrinhos, pois somente homens eram os heróis, o que inspirou muitas meninas americanas e posteriormente no mundo todo, pois a Mulher Maravilha é considerada a maior referência feminina no mundo fictício dos heróis, sendo até os dias atuais um fenômeno comercial expressivo³.

Seguido da criação de Batman, em 1939, os super-heróis foram sucesso nacional nos EUA, entretanto, em meio ao entusiasmo, as primeiras críticas começaram a aparecer. *William Moulton Marston*, psiquiatra e escritor estadunidense, famoso pela invenção do detector de mentiras, criticou a indústria dos quadrinhos e em especial os super-heróis, acusando de serem espaços hegemonicamente masculinos, ou seja, a mulher não possuía nenhum protagonismo, tendo seus papéis nas tramas limitados a serem as “donzelas em perigo” à espera para serem salvas pelo mocinho.

William Moulton Marston, aos 18 anos, decidiu não engolir o fracasso de cianureto. Porém, nunca se esqueceu daquele momento, nem de Emmeline Pankurst e das correntes de que ele falava. Três décadas depois, quando Marston criou uma super-heroína que luta pelos direitos femininos (‘Mulher-Maravilha, Mulher-Maravilha! Ela vai deixar o mundo dos homens de pernas pro ar!’), a única fraqueza desta é que ela perde toda força se um homem acorrentá-la.⁴

Em resposta à crítica, a *DC comics*, editora responsável pelos títulos das histórias dos super-heróis citados anteriormente, contratou Marston como consultor. William Marston, em seu novo cargo, então, implementou a novidade que, para ele, cobriria a lacuna dos quadrinhos do

³ MOTTA, Wallans Ferreira; TARDIN, Elaine Borges. Mulher maravilha: ícone feminista ou reafirmação de estereótipos? *Revista Transformar*, Itaperuna-RJ, 11. Ed., p. 96-107, 2017/2, p. 96. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/109/105>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

⁴ LEPORE, Jill. *A história secreta da Mulher-Maravilha*. Rio de Janeiro: Editora BestSeller, 2017, p. 29-30.



momento. Marston criou e H. G. Peter ilustrou, em dezembro de 1941, a Mulher-Maravilha. Sua história começa na Ilha do Paraíso, ou Themyscira, onde a líder das guerreiras Amazonas, a rainha Hipólita, esculpiu em barro e pediu aos deuses do Olimpo que dessem vida à sua filha, a princesa Diana. Sua origem já foi contada também como o resultado da relação entre sua mãe, a rainha Hipólita, com o rei dos deuses olímpianos, Zeus.

Descrita pela primeira vez em 1941, como cem vezes mais forte e ágil que o maior atleta entre os homens, amável como Afrodite, tão sábia quanto Atena, rápida como Mercúrio (ou Hermes, em grego) e forte como Hércules, Diana se destacou entre suas irmãs Amazonas como a melhor guerreira entre elas e digna de vestir o traje que seria futuramente conhecido como as vestes da Mulher-Maravilha.



Figura 1: Os primeiros quadrinhos da Mulher-Maravilha⁵

Após a queda de um avião tripulado por um piloto homem na Ilha do Paraíso, onde só mulheres habitavam, a rainha Hipólita realiza um torneio entre as Amazonas, a fim de escolher a responsável por retornar o estranho ao mundo dos homens. Proibida de competir por sua mãe, Diana se disfarça e vence a disputa das guerreiras, revelando-se, então, como a princesa e campeã das guerreiras Amazonas.

Ao retornar o piloto, chamado *Steve Trevor*, Diana descobre a violência, as injustiças, as guerras e toda a desigualdade que há no mundo, e então decide se tornar um símbolo da justiça, lutando contra o crime e defendendo a igualdade de gênero, tornando-se a Mulher-Maravilha.

⁵ OS PRIMEIROS quadrinhos da Mulher-Maravilha | Papel Jornal #05. Youtube, 12 jun. 2017. Vídeo online (20min56s), son., color. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=vVBC_IUNXFE>. Acesso em: 28 dez. 2019.

Em suas primeiras aventuras, a heroína se depara com a Segunda Guerra Mundial e encontra um meio de ajudar ao se disfarçar como enfermeira, usando o nome Diana Prince. Não satisfeita em apenas ajudar os feridos, e sabendo de sua enorme capacidade, Diana decide lutar a favor dos Aliados.

Na Mulher-Maravilha, Marston criou uma personagem para responder às objeções de cada um dos críticos de quadrinhos. Ela é forte, mas não é valentona: 'Enfim, em um mundo destruído pelas aversões e guerras dos homens, surge uma mulher para quem os problemas e feitos masculinos não passam de brincadeira'. Ela odeia armas: 'Balas nunca resolveram os problemas humanos!' Ela é implacável, mas sempre poupa suas vítimas. 'A Mulher-Maravilha nunca mata!' Acima de tudo, ela acredita nos Estados Unidos: 'América, a última cidadela da democracia e dos direitos iguais para as mulheres!' A Mulher-Maravilha deixou a Ilha Paraíso para enfrentar o fascismo com o feminismo⁶.

Diversas tentativas de promover a super-heroína surtiram efeito contrário, tornando-a um símbolo da inferiorização da mulher em relação ao homem. Em 1942, a Mulher-Maravilha é apresentada à Sociedade da Justiça da América (equipe de super-heróis formada na edição nº 3 da revista *All Star Comics*, a Sociedade da Justiça foi o embrião para a futura Liga da Justiça da América, fundada em 1960). Até então, isso seria um avanço, já que pela primeira vez as mulheres teriam uma representante na sociedade dos heróis

Nos anos 1950, as histórias da Mulher-Maravilha pioraram. No pós-guerra, os quadrinhos, principalmente os super-heróis, passaram por uma grande crise criativa, que automaticamente se refletiu na perda de interesse do público e uma drástica queda nas vendas, o que forçou o cancelamento de boa parte dos títulos surgidos nos "anos dourados" das aventuras dos mascarados justiceiros. Os super-heróis haviam retornado da guerra deixando para trás os dias de combate a planos de conquista global, para se ocuparem com crimes locais e situações corriqueiras. Em pouco tempo, Batman, Super-Homem e Mulher-Maravilha, passavam boa parte das aventuras em suas revistas lidando com questões afetivas em tom de romance cômico.

Wonder Woman nº 178 (setembro–outubro de 1968) marca o princípio do que é conhecido como 'Era Diana Prince', durante a qual, como explicou Joanne Edgar na revista *Ms.* em 1972, ela abriu mão de seus poderes sobre-humanos de amazona, assim como os braceletes, do laço mágico e do avião invisível. Tornou-se um ser humano. Diana Prince, agora vestindo terninhos de boutique e túnicas, passou a ter emoções convencionais, a ser vulnerável aos homens, a ter um conselheiro (um homem, é óbvio, chamado I Ching), e as habilidades de Karatê, Kung fu e jiu-jitsu. Em outras palavras, ela tornou-se uma James Bond fêmea, mas sem as façanhas sexuais deste.⁷

Após a crise que o título da Amazona passou entre os anos 60' e 70', a Mulher-Maravilha retornou ao auge da popularidade através de uma adaptação para a série de televisão estrelada

⁶ LEPORE, 2017, p. 246.

⁷ LEPORE, 2017, s/p.



por Lynda Carter, exibida entre 1976 e 1979. A série foi um enorme sucesso, garantindo uma legião de fãs até os dias de hoje.



Figura 2: Mulher-Maravilha em sua pose clássica.⁸

A Mulher-Maravilha também foi adaptada para diversas outras mídias, como jogos de videogame ou desenhos animados. Desde os primeiros sucessos da DC no mundo das animações, a Mulher-Maravilha esteve ao lado de heróis da editora em desenhos como *Os Super-Amigos*, entre os anos de 1973 e 1986, e nas séries *Liga da Justiça* e *Liga da Justiça Ilimitada*, entre os anos de 2001 e 2006.

Até os anos 80 a história da personagem era inconstante, foi quando o desenhista e roteirista George Perez assumiu o comando das publicações da Mulher-Maravilha e, além de voltar à essência, ele aprofundou o arco da mitologia grega nas HQs da personagem. Bruce Timm, no início dos anos 2000, reforçou o discurso feminista da personagem na animação da *Liga da Justiça Sem Limites*.

Mulher-Maravilha, apesar de ter todo esse histórico, só foi ganhar um filme solo de origem em 2017, setenta e cinco anos depois da sua criação. Enquanto personagens como o *Batman* têm nove filmes e *Superman* tem sete; contando com *Batman vs Superman*. Esse filme, apesar de ter a aparição da Mulher-Maravilha, não conta como um filme dela, porque se somar

⁸ MULHER-MARAVILHA: 75 anos do controverso ícone das mulheres nos quadrinhos. Maxiverso – Todos os multiversos reunidos, 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://maxiverso.com.br/blog/2016/07/22/mulher-maravilha-75-anos-do-controverso-icone-das-mulheres-nos-quadrinhos/>>. Acesso em: 13 mai. 2019.



todas as vezes que ela surge na tela não dá nem vinte minutos de cena, em um longa que tem mais de duas horas de duração.



Figura 3: Gal Gadot interpreta a “Mulher-Maravilha” no cinema.⁹

Repleta de contradições e polêmicas, a história da Mulher-Maravilha reflete um problema enraizado em nossa cultura e que vem à tona nos dias de hoje constantemente: a hegemonia do pensamento machista. Os quadrinhos da Mulher-Maravilha retratam a desapropriação da mulher de seu lugar de fala e representatividade, ao submeter a imagem, a idealização da mulher, a uma criação de homens. Sua trajetória evidencia como a indústria do quadrinho marginaliza artistas e escritoras, favorecendo autores que frequentemente são encarregados de criar enredos para personagens femininas, que muitas vezes representam a mulher como objeto e com apelativos sexuais.

Sendo um símbolo da sujeição feminina ao machismo na indústria e na história dos quadrinhos, ou um ícone da representação das mulheres e dos ideais de igualdade de gêneros, a Mulher-Maravilha é dona de uma longa e surpreendente história.

⁹ RIBEIRO, Ana Amélia. *Uma crítica feminista do filme “Mulher-Maravilha”*. Jornal Opção, 11 jun. 2017. Disponível em: <www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/uma-critica-feminista-do-filme-mulher-maravilha-97119/>. Acesso em: 14 mai. 2019.

Feminismo e a Mulher-Maravilha: representação social

Durante muitos séculos, a mulher foi condenada a situações impostas por uma sociedade patriarcal, modelo vivido de uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, da legislação e da cultura.

Apesar de todos os movimentos atuais, da união das mulheres e luta pelos direitos, ainda vivemos em uma sociedade inflexível e moralista, que reflete o machismo predominante em nosso meio. Estes padrões de comportamento foram adquiridos pela burguesia do século XVII, que direcionou a mulher a um padrão de submissão em que sua sujeição foi demarcada pela ditadura das regras, como forma da mulher desempenhar papéis.

Com a busca pela liberdade de expressão, o despertar ainda se faz necessário cada dia mais em todas as etnias femininas, pois muitas ainda permanecem presas em seus opressores.

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar mulher. Mas que privilégio permitiu essa vontade?¹⁰

O século XX foi palco de importantes mudanças políticas, sociais e culturais, que acabaram por se refletir também na produção no meio acadêmico. Grupos e temáticas que outrora não eram campo de investigação, pois eram excluídos do interesse de uma história oficial e universalmente masculina, foram cada vez mais ganhando espaço. Dentre esses grupos, encontram-se as mulheres, que a partir de então seriam vistas como objeto e sujeito de uma história.

As feministas, como expressão de uma das vertentes deste movimento, traduzem a rebeldia das mulheres na identificação de sua situação de subordinação e exclusão do poder, e buscam construir uma proposta ideológica que reverta esta marginalidade. Sua concreção se dá a partir da construção de uma prática social que negue aqueles mecanismos que impedem o desenvolvimento de uma consciência como ser autônomo e que supere a exclusão. As feministas fazem do conhecimento e da eliminação das hierarquias sexuais seu objetivo central, e a partir daí articulam-se com as outras vertentes do movimento de mulheres.¹¹

¹⁰ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 81.

¹¹ SOARES, Vera. Movimento feminista: paradigmas e desafios. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 2, p. 11-24, 1994, p. 15. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16089/14633>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

Portanto, ao observamos a construção de uma personagem feminina heroína na década de 1940, precisamos ter em mente a atuação da mulher naquele contexto e sua posterior evolução social, uma vez que as relações de gênero são representações do social, e permeadas por uma rede de significados que acabam por legitimar certos grupos e subjugar outros. Os conflitos entre representações são conflitos de poder, e são tão importantes quanto os conflitos políticos e econômicos.

No período em que Diana perde seus poderes, durante 1968 e 1973 verifica-se uma relação entre ficção e contexto histórico: a 2ª Onda feminista começa a despontar nos Estados Unidos e manter uma Mulher-Maravilha com superpoderes é algo polêmico – pois pode fomentar os movimentos. Durante este período acontece o que historicamente é chamado de 2ª Onda Feminista. A 2ª Onda feminista acontece no final da Segunda Guerra Mundial, período em que os movimentos liberalistas, pacifistas e sociais começam a aparecer e ganhar espaço nas ruas do mundo¹².

Em um contexto da Guerra, a personagem da Mulher-Maravilha acabaria por representar a possibilidade da mulher romper com padrões pré-estabelecidos para seu gênero. Porém, com o fim da Segunda Guerra, novamente o desafio se repete para as mulheres, que haviam conquistado seu espaço tanto no mundo do trabalho como assumindo a posição de chefes de família. Os homens retornam com seu poder (retirando inclusive as mulheres de seus empregos) e a seu poder simbólico. Os argumentos machistas ressurgem, aqueles que afirmam que o melhor papel a ser desempenhado pela mulher era o de mãe e esposa, e seu lugar natural era o lar. Porém, a Mulher-Maravilha não deixou de existir.

Para Lepore¹³, a Mulher-Maravilha, um dos super-heróis mais importantes dos anos de 1940, foi produto dos movimentos sufragistas, feministas e pró-controle de natalidade dos anos 1900 e 1910 e virou referência dos movimentos pela libertação feminina e feministas dos anos 1960 e 1970. A luta pelos direitos das mulheres tem sido um rio, que avança sem parar.

Portanto, a figura da Mulher-Maravilha não pode ser descontextualizada de um movimento maior, mesmo que ainda haja estereótipos a serem vencidos. A aparição de Diana nos quadrinhos quebrou o estereótipo da mulher “com força inferior à do homem”; podemos considerar a super-heroína como um ícone do Feminismo, ainda que ela não fugisse de alguns estereótipos femininos.

Considerações finais

¹² NASCIMENTO, Julia; ZANVETTOR, Katia. *A perda de poderes da Mulher-Maravilha nos anos de 1960 como consequência de manifestações feministas nos Estados Unidos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018, p. 05. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1413-1.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

¹³ LEPORE, 2017, p. 361.



Toda a simbologia a respeito da Mulher-Maravilha deve ser atrelada a uma lógica de representação social que acaba por repensar o papel feminino em uma sociedade fortemente marcada pelo referencial masculino, de valores e poder do patriarcado.

A grande questão que se coloca é que mesmo uma heroína, uma deusa criada exclusivamente por mulheres, ainda possui algumas representações tradicionais que estão presas aos valores de uma sociedade masculinizada. Entretanto, a personagem Mulher-Maravilha sobrevive como uma marca de representação do espaço da mulher na sociedade e na história. Marca de mulher forte, que luta pelos direitos e não é submissa aos valores pré-existentes.

Uma história em quadrinhos conseguiu trazer ao mundo um ícone poderoso, capaz de absorver de movimentos sociais e ajudá-los em suas lutas, bem como consegue inspirar pessoas no mundo inteiro com ideais e princípios que foram dados, em 1941, por seu criador.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BROCH, Caroline; GARCIA, Valdinei Gomes. O conceito de indústria cultural no contexto das novas tecnologias. *Rev. Unifamma*, Maringá, v. 12, n. 1, ago. 2013. Disponível em: <<http://revista.famma.br/unifamma/index.php/RevUNIFAMMA/article/view/24/37>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

LEPORE, Jill. *A história secreta da Mulher-Maravilha*. Rio de Janeiro: Editora BestSeller, 2017.

MIRANDA, Beatriz; OLIVEIRA, Otoniel Lopes de. *Protagonismo feminino nos quadrinhos: representação, feminismo e super-heróis*. 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_h_cultura/beatriz_miranda_e_otoniell_opes.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MOTTA, Wallans Ferreira; TARDIN, Elaine Borges. Mulher maravilha: ícone feminista ou reafirmação de estereótipos? *Revista Transformar*, Itaperuna-RJ, 11. Ed., p. 96-107, 2017/2. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/109/105>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MULHER-MARAVILHA: 75 anos do controverso ícone das mulheres nos quadrinhos. Maxiverso – Todos os multiversos reunidos, 22 jul. 2016. Disponível em: <<http://maxiverso.com.br/blog/2016/07/22/mulher-maravilha-75-anos-do-controverso-icone-das-mulheres-nos-quadrinhos/>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

NASCIMENTO, Julia; ZANVETTOR, Katia. *A perda de poderes da Mulher-Maravilha nos anos de 1960 como consequência de manifestações feministas nos Estados Unidos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1413-1.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2019.



OS PRIMEIROS quadrinhos da Mulher-Maravilha | Papel Jornal #05. Youtube, 12 jun. 2017. Vídeo online (20min56s), son., color. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=vVBC_IUNXFE>. Acesso em: 28 dez. 2019.

RIBEIRO, Ana Amélia. *Uma crítica feminista do filme "Mulher-Maravilha"*. Jornal Opção, 11 jun. 2017. Disponível em: <www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/uma-critica-feminista-do-filme-mulher-maravilha-97119/>. Acesso em: 14 mai. 2019.

SOARES, Vera. Movimento feminista: paradigmas e desafios. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 2, p. 11-24, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16089/14633>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

[Recebido em Agosto de 2019

Aceito em dezembro de 2019]